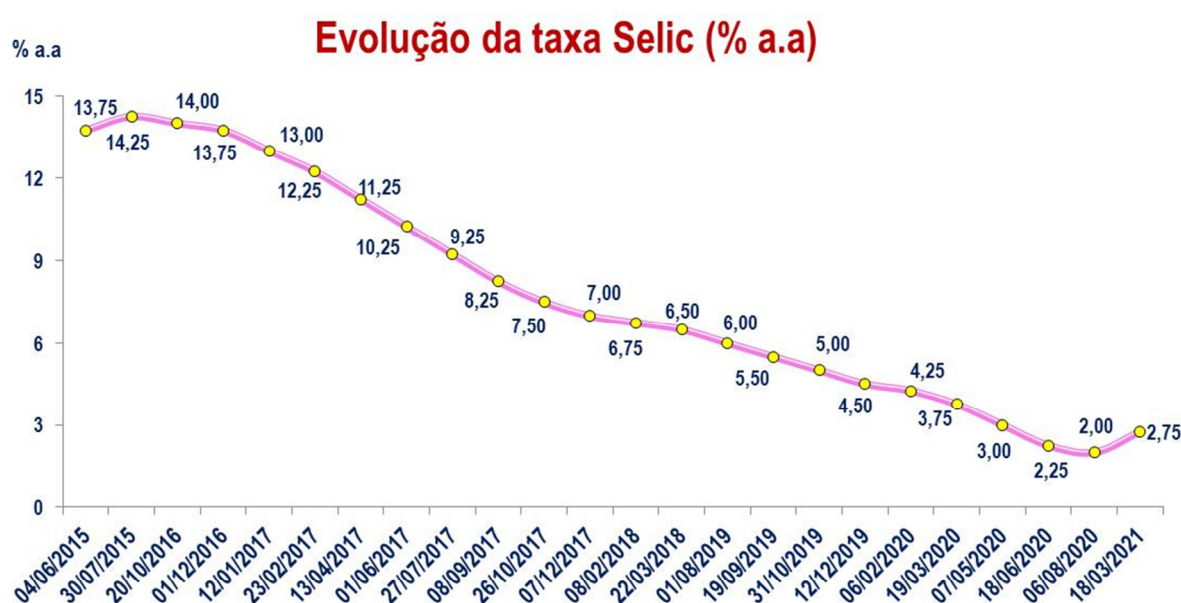


Depois de quase seis anos, Selic volta a aumentar

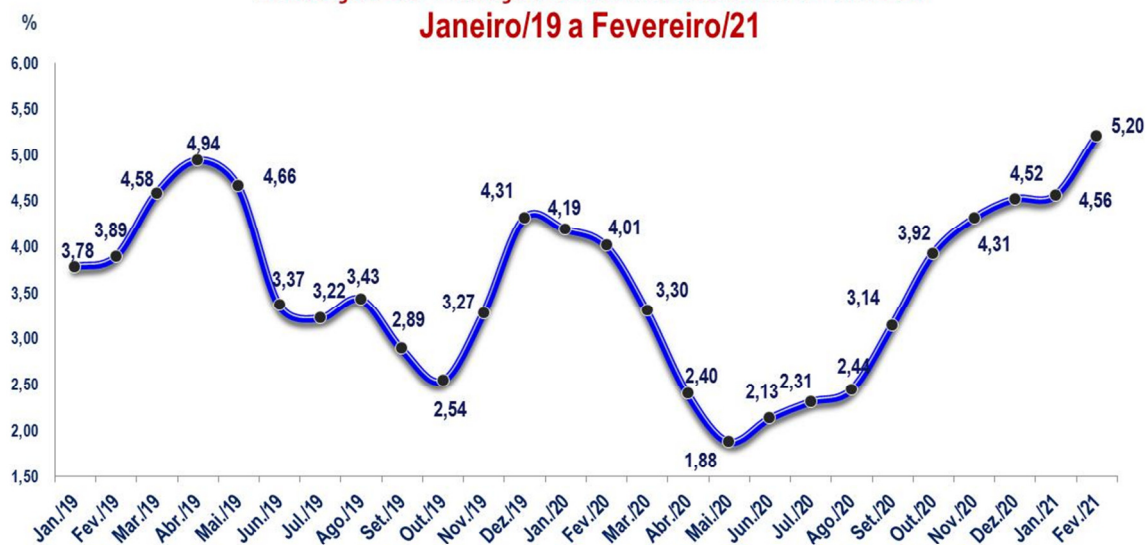
Em sua segunda reunião do ano, o Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) aumentou a taxa Selic de 2,0% para 2,75% ao ano. Foi a primeira alta desde o final de julho de 2015, quando a referida taxa passou de 13,75% para 14,25% ao ano. A deterioração das expectativas da inflação, a depreciação do câmbio, a ausência de sinalização de um maior controle fiscal e as incertezas em relação ao cenário econômico são algumas das razões apontadas pelos analistas para justificar o início do processo de aperto monetário promovido pelo Banco Central.



Fonte: Banco Central do Brasil

O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), calculado e divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apresentou alta de 5,20% nos últimos 12 meses encerrados em fevereiro/21 e ficou acima dos 4,56% registrados nos 12 meses anteriores. Particularmente no segundo mês do ano, pressionada pela elevação do preço dos combustíveis, a inflação surpreendeu e o IPCA contabilizou alta de 0,86%, o que correspondeu a maior variação para um mês de fevereiro desde 2016. Em janeiro/21 o referido indicador aumentou 0,25%. É importante destacar, também, o aumento nos alimentos e bebidas. Nos últimos 12 meses (mar/20-fev/21) este grupo registrou elevação de 15%. O centro da meta para a inflação em 2021 é 3,75%, podendo variar 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo. Isso significa que, para cumprir a meta, o IPCA/IBGE deverá encerrar o ano entre 2,25% e 5,25%.

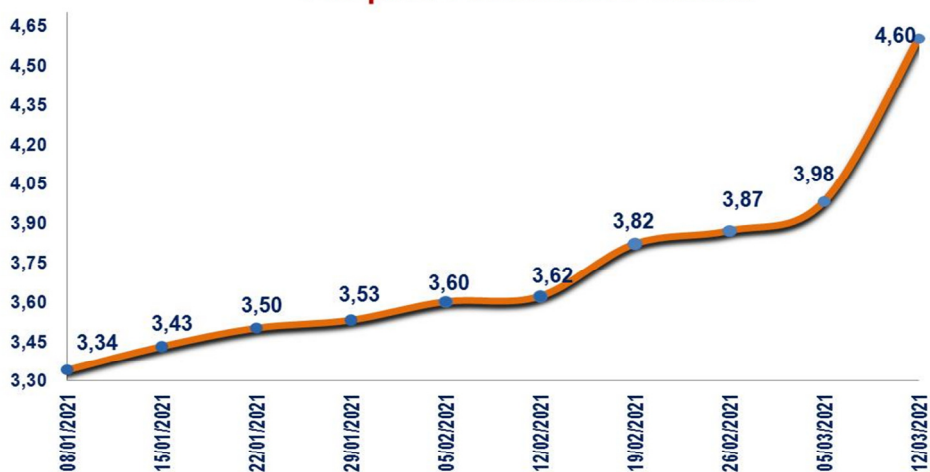
IPCA - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IBGE)
Evolução da variação % acumulada em 12 meses
Janeiro/19 a Fevereiro/21



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

É importante ressaltar que há 10 semanas consecutivas as expectativas da inflação brasileira para 2021 estão se deteriorando. A Pesquisa Focus, divulgada pelo Banco Central, reflete esse avanço. O referido levantamento, realizado no início de janeiro, sinalizava que o IPCA/IBGE encerraria 2021 com alta de 3,34%. Mas, em todas as pesquisas posteriores, esta estimativa foi alterada para maior. A última divulgação (12/03/21) projetou elevação de 4,60%, o que demonstra forte deterioração das projeções. Caso este resultado seja confirmado será a maior inflação do País desde 2016, quando o referido indicador de preços registrou alta de 6,29%.

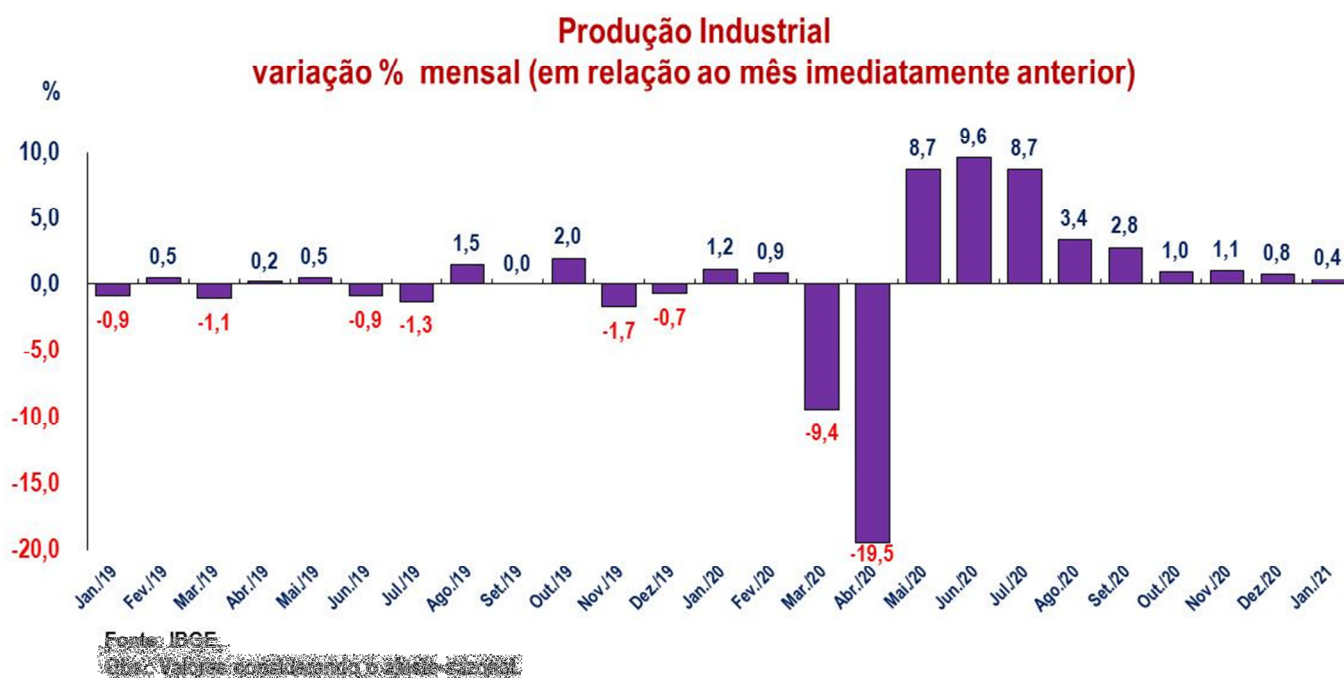
Evolução das expectativas para o IPCA/IBGE em 2021
Pesquisa Focus/Banco Central



Fonte: Banco Central do Brasil - Boletim Focus.

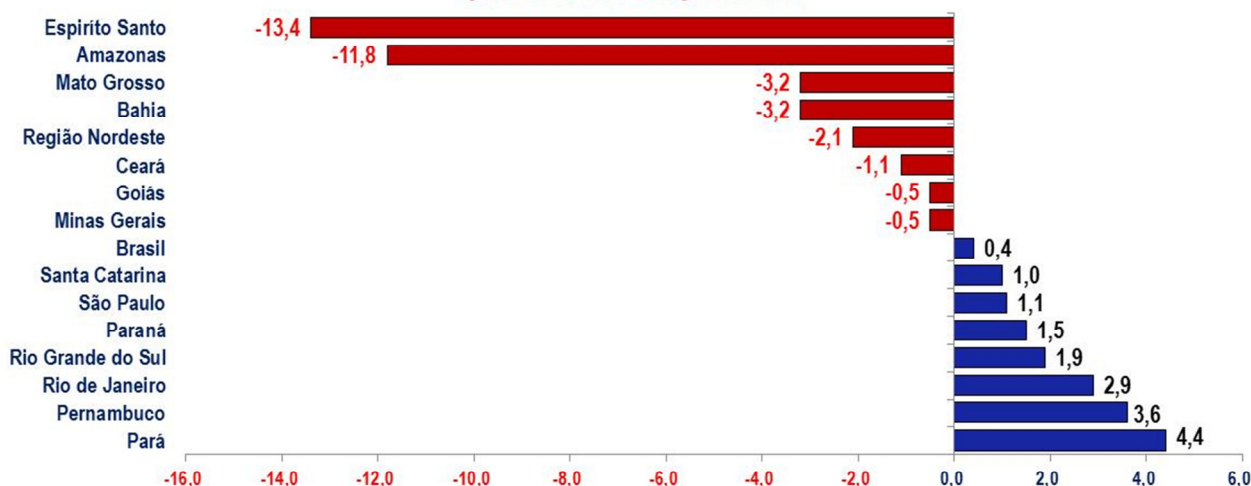
Apesar de alguns números indicarem que a economia brasileira registrou melhor desempenho do que era aguardado no primeiro mês do ano, é preciso considerar que o incremento de atividades não aconteceu de forma generalizada. O Índice de Atividade Econômica (IBC-Br), divulgado pelo Banco Central, apresentou incremento de 1,04% em janeiro/21, número superior ao que era aguardado pelo mercado (alta de 0,5%). Mas, considerando o resultado acumulado nos últimos 12 meses encerrados em janeiro/21, o IBC-Br apresentou queda de 4,04%. Na comparação com o primeiro mês do ano anterior, o referido indicador de atividade econômica também recuou: -0,46%.

O desempenho da Indústria também foi positivo em janeiro. Conforme dados divulgados pelo IBGE, a produção industrial brasileira apresentou elevação de 0,4% neste mês. Apesar de este ser o nono resultado positivo, a alta foi menos intensa do que a observada nos meses anteriores. Além disso, dos 26 ramos abrangidos pelo referido indicador, 14 apresentaram números negativos, entre eles destaca-se a metalurgia, com queda de 13,9%. Portanto, o resultado positivo está menos disseminado entre as atividades.



Além disso, dos 15 locais pesquisados, oito apresentaram dados negativos, entre eles: Espírito Santo (-13,4%), Amazonas (-11,8%), Bahia (-3,2%) e Mato Grosso (-3,2%).

Variações (%) da Produção Física da Indústria em janeiro/21 por locais Pesquisados

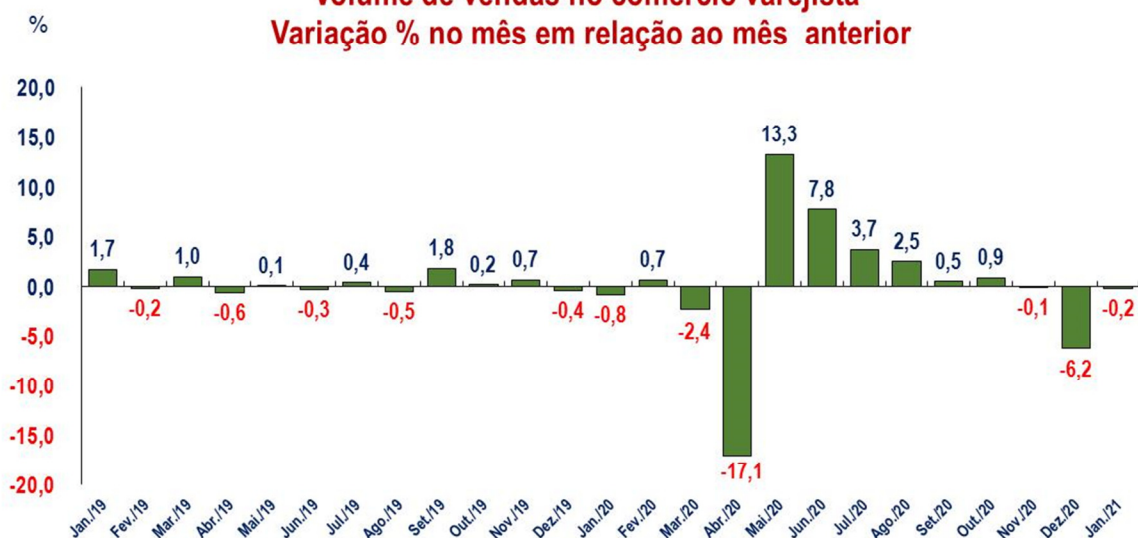


Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Obs.: Valores (%) no mês em relação ao mês imediatamente anterior com ajuste sazonal.

O volume de vendas do comércio varejista ficou praticamente estável em janeiro/21 em relação ao mês anterior, apresentando queda de -0,2%. Das oito atividades pesquisadas pelo IBGE, cinco foram negativas nesta base de comparação, como hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, com queda de 1,6%. As vendas do comércio varejista ampliado (que considera, além do varejo, veículos e materiais de construção) apresentaram retração de 2,1% no primeiro mês do ano.

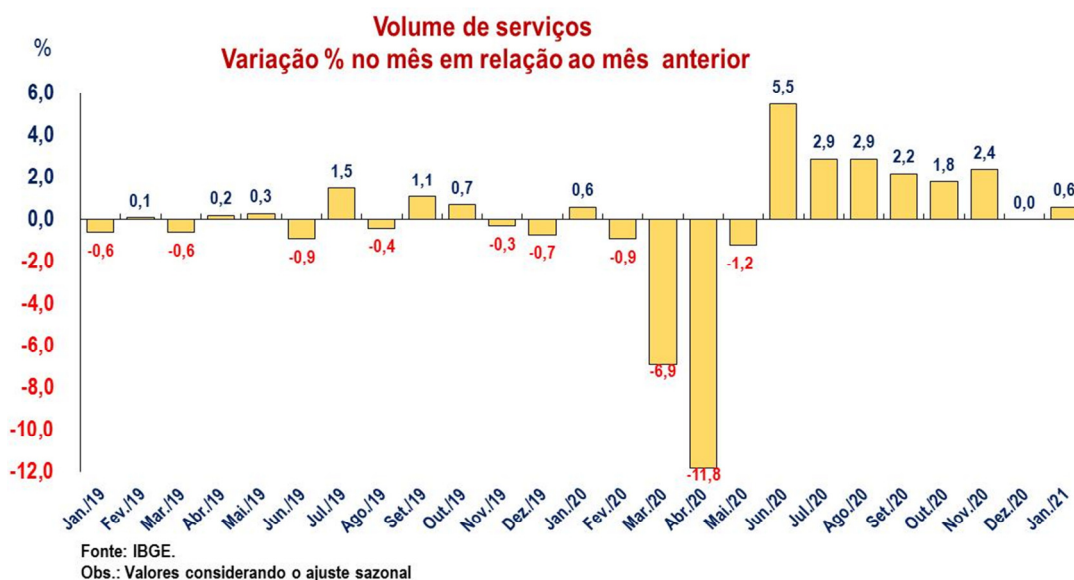
Volume de vendas no comércio varejista
Variação % no mês em relação ao mês anterior



Fonte: IBGE.

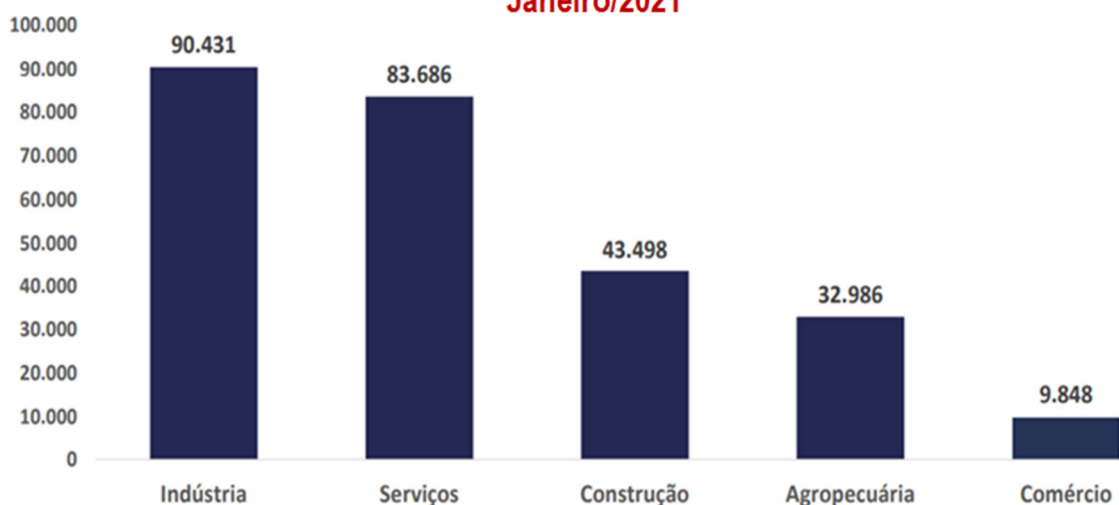
Obs.: Valores considerando o ajuste sazonal

Já o Setor de Serviços, apesar de registrar alta em janeiro/21, ainda se encontra 3% abaixo do patamar pré-pandemia (fevereiro/20). No acumulado de 12 meses encerrados em janeiro/21 a queda é de 8,3%.



A atividade econômica começou o ano melhor do que o esperado. Alguns números chegaram a surpreender. Os dados do Caged, divulgados pela Secretaria Especial de Previdência e Trabalho, do Ministério da Economia, por exemplo, demonstraram que, em janeiro/21, o País gerou mais de 260 mil novos postos de trabalho com carteira assinada.

Emprego formal: saldo de novas vagas geradas por grupamento de atividade Janeiro/2021



Fonte: Caged - Secretaria Especial de Previdência e Trabalho/Ministério da Economia.

Todos os grandes setores da economia demonstraram números positivos. A indústria foi responsável por 90.431 novas vagas, os Serviços por 83.686, a Construção Civil por 43.498, a Agropecuária por 32.986 e o Comércio por 9.848.

Entretanto, é importante destacar que a taxa média de desemprego em 2020 foi de 13,5%, a maior registrada na série histórica da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, do IBGE, iniciada em 2012. Em 20 estados esta taxa foi recorde. No ano passado, a população ocupada reduziu 7,3 milhões de pessoas, o que demonstra a precariedade do mercado de trabalho no País.

Apesar de ainda não estarem disponíveis, os indicadores relativos ao mês de março devem trazer números que evidenciam que a economia está perdendo o ritmo. A gravidade da segunda onda da pandemia, com uma forte escalada de mortes, a vacinação ainda em processo lento, a adoção de medidas de restrição mais severas em alguns estados, o fim do Auxílio Emergencial e a ausência de sinalização de maior controle fiscal evidenciam um momento de volatilidade e incertezas, o que impacta as atividades.

Por isso, é necessário acompanhar como esse aumento de juros refletirá na economia. As projeções de analistas de mercado indicam que a Selic poderá encerrar 2021 entre 4% e 5%, o que preocupa. É preciso considerar o impacto dessa alta na situação financeira das empresas e também das famílias, pois pode gerar aumento de inadimplência (famílias) e corte de investimentos (empresas). Vale lembrar que apesar das estimativas que a inflação medida pelo IPCA/IBGE ficará próxima ao teto da meta, ainda não se observa contaminação nas projeções para 2022.

Outro fator que precisa ser acompanhado é como os aumentos da Selic, previstos para este ano, refletirão nas taxas de juros dos financiamentos imobiliários. Ressalta-se que em 2020 o baixo patamar de juros contribuiu para o incremento do volume deste tipo de crédito. Quanto menor for a variação, menor será a prestação a ser paga e maior será a abrangência de famílias atendidas. Portanto, os juros baixos no financiamento imobiliário contribuem para o desenvolvimento social do País e também para o melhor desempenho da economia, pois promove o incremento da Construção. O País precisa que este setor, grande gerador de emprego e renda, continue expandindo suas atividades.

Para conter o avanço dos juros e da inflação e estimular as atividades da economia, o Brasil necessita das reformas estruturais, como a Administrativa e a Tributária. Elas podem trazer de volta a confiança que os investimentos precisam para ser consolidados e podem, ainda, proporcionar um ambiente de negócios mais saudável. O Brasil precisa avançar neste aspecto.